

# NEM CÁ NEM LÁ

## Cartografias do desejo de jovens em três localidades da Resex Tapajós-Arapiuns

*Thais Helena Medeiros*

Professora e doutoranda CPDA/ UFRRJ

*Lígia Augusta Camargo Avisar*

Pesquisadora e estudante de Publicidade e Propaganda na FIT/ Pará

*Fábio Pena*

Coordenador de Educação e Comunicação/ PSA

Pesquisa desenvolvida para o Projeto Saúde e Alegria/PA : [www.saudeelegria.org.br](http://www.saudeelegria.org.br)

---

### RESUMO

O trabalho centra foco na compreensão da subjetividade de jovens moradores das localidades Suruacá e Solimões, no Tapajós e Anã, no rio Arapiuns. Mais específico, delinear os desejos e vontades desses jovens na *invisibilidade* entre a tradição e contemporaneidade, entre o rural e o urbano. Partimos das análises em torno das abordagens relacionais na intersecção do indivíduo constituindo fluxos de sociabilidade e que possibilitaram a construção das cartografias do desejo.

---

### ABRINDO JANELAS

*O desejo de estudar na cidade para ter uma vida melhor, porque aqui é que tem a faculdade, as escolas onde fazemos os cursos. O desejo de trabalhar para ter uma casa bem grande, para ter o que eu preciso, e buscar coisas melhores. Tenho o desejo de fazer a faculdade, ter acesso à internet, conquistar coisas melhores, estudar para ter conhecimentos mais avançados, aprender o que ainda não sei, pensar longe para que eu possa voar alto.*

Participante jovem de Anã

A realidade social presentificada no agora consegue modificar tudo que está na zona do entorno, igualmente ultrapassa esses territórios e abrange a totalidade das pessoas e grupos no Planeta. A esse fenômeno muitos são os que para ele categorizaram e nomearam, tais como globalização, alta modernidade, cultura-mundo, hipermodernidade... Enfim, o seu advento em

contínua transformação começou com o que chamam de modernidade, início da inversão da relação com a natureza, dantes um *sistema externo que dominava a atividade humana*. O movimento cultural contínuo emergiu as cidades e fez com que o campo, o rural, se tornasse idílico e bucólico aos sentidos cosmopolitas. A resultante do deslocamento social que nasce da transformação deixa a mostra o mundo residual, tradicional, o lugar de onde brota o novo. Assim é que perguntamos, no confronto entre o mundo global e citadino com o espaço local e interior –aquele que guarda experimentações e comportamentos que chamamos de tradicional, portanto menos intensamente movimentado de relações e redes sociais que o primeiro– nasce um novo mais novo? A gente cria tradição nesse *algo novo* ou inova a tradição? Ou há mais invisibilidade entre esses dois *nós* (o plural do substantivo nó, não do pronome pessoal nós) igualmente, desequilíbrios bruscos nos lugares<sup>1</sup> (ou comunidades<sup>2</sup>) Suruacá, Solimões e Anã localizados no território que compreende a Reserva Extrativista (Resex) Tapajós-Arapiuns<sup>3</sup>?

Confrontando esses questionamentos às subjetividades de alguns jovens dessas localidades, moradores de *lá e/ou de cá*, o Projeto Saúde e Alegria (PSA)<sup>4</sup>, a partir de trabalhos da assessoria técnica da Coordenação de Educação e Comunicação realizado junto a esses sujeitos (PSA, 2015; 2014a; 2014b; 2014c), transformou as inquietações em um problema de pesquisa social. Focando a prática desta instituição e a experimentação de vida de alguns jovens que cursam o ensino médio e de outros que concluíram os estudos básicos, interessamos em compreender as falas individuais dos desejos expressos por participantes dos grupos de trabalho no campo de pesquisa. Quais as oportunidades da escolha de futuros criativos e possíveis nos lugares de nascimento? Morar na cidade, muda alguma coisa no jeito de ser desse jovem? Novas identidades com características urbanas influenciam decisões? Quais as direções que tomam as redes relacionais traçadas nesses espaços sociais em transformações? Em suma, o que motivou o trabalho foi perceber os desejos e sentidos que

<sup>1</sup> Augé (2012) defini os locais de “(...) concentrações urbanas, transferências de população e multiplicação daquilo a que chamaremos de *não lugares*, ou oposição à noção sociológica de lugar, associada por Mauss e por toda uma tradição etnológica àquela de cultura localizada no tempo e no espaço. Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos, rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta” (:36).

<sup>2</sup> Neste texto utilizamos o termo comunidade ao nos referirmos à localidade, portanto, sinônimos de lugar, a despeito de toda a carga semântica que recai sobre o substantivo.

<sup>3</sup> Município de Santarém, Baixo Amazonas do Oeste Paraense. Sobre a Unidade de Conservação em [www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/amazonia/unidades-de-conservacao-amazonia/2045](http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/amazonia/unidades-de-conservacao-amazonia/2045)

<sup>4</sup> Sobre esta instituição, ver em [www.saudeealegria.org.br](http://www.saudeealegria.org.br)



levam alguns jovens na Resex Tapajós-Arapiuns a permanecerem em suas localidades, enquanto outros migram para os centros urbanos.

As elucubrações contidas neste ensaio apresentam-se dispersas, primeiramente, na seção a seguir, onde definimos as categorias socioculturais em conjunto com o escopo teórico e analítico. Na segunda parte, conjugamos as impressões e falas dos sujeitos às análises já empreendidas acima. Na seção posterior, inserimos alguns mapas e trechos das narrativas que dão sentido ao mundo e que compõem o repertório da cartografia. Por fim, tecemos algumas considerações finais, apresentada na sequência desta última. Antes de prosseguir, é importante agradecermos aos nossos interlocutores e intérpretes da pesquisa, igualmente a equipe do PSA.

## PENSANDO OS MUNDOS DOS JOVENS



Os jovens das localidades estudadas dispõem um estilo de vida contemporâneo em detrimento de reproduzirem as mesmas estruturas da economia doméstica material e imaterial? Giddens (1997) discorre que o estilo de vida é um estado da sociedade contemporânea. Assumindo esse ponto de vista, compreenderemos as formas juvenis surgidas das relações sociais que dão forma a estados coletivos. Sublinha Abramo (1994, :22), entretantes, que “os jovens dos setores de baixa renda (principalmente os do meio rural) são vistos como ‘marginalizados’, fora do cenário moderno e, como consequência, excluídos da própria condição juvenil”.

Neste trabalho, assumiremos estilo de vida estendendo as argumentações que Maffesoli (1995) pensou serem preocupantes, pois nascidas das entranhas do próprio sistema capitalista, e postulou que “o estilo é o caráter essencial de um sentimento coletivo”. E, sim, é motivado pelo consumo, pela ordem capitalista e globalizante entrechocando com um mundo tradicional. Ainda destacamos, do mesmo autor, o estilo de vida como uma “marca específica” que produz subjetividades (identidade) comuns e singular, o que associamos a grupos de interesses em detrimento do estilo das gangues urbanas de Santarém. Formam-se na transformação do cotidiano, “origem a todas as maneiras de ser, costumes, representações, modas diversas pelas quais se exprime a vida em sociedade” (:26).

Sendo o momento de olhar outras dimensões da vida de jovens rurais mediados pela contemporaneidade e tradição, torna-se “fundamental conhecer suas realidades, questões, opiniões e demandas, além das características sociais, demográficas, políticas e culturais” (Menezes et al, 2014). Nesse viés, é necessário que se investigue como se organiza e se estrutura essa nova síntese que aproxima valores urbanos e rurais, tomando-se o cuidado de levar em conta a transitoriedade e heterogeneidade da chamada *juventude rural* (Carneiro, acesso 2015). Lembramos, sobretudo, Brumer (apud Carneiro & Castro, 2007) ao argumentar que “a mudança comportamental tem assento em mudanças estruturais, econômicas, sociais, políticas e culturais, trazidas no bojo do avanço do capitalismo para a fase da globalização, de profundas mudanças no mercado de trabalho e do sistema de comunicações” (:36).

Falar de urbano e rural na Amazônia de Santarém é revelar as múltiplas e heterogêneas dimensões dessa relação. Quer dizer que o rural dessas localidades, bem como as formações juvenis que emergem por aquelas paragens é bem diferente da que é vivenciada no rural do Sul do País, apesar de sobressair elementos comuns, por exemplo. Os fluxos econômicos, que desde a colonização culmina com o extrativismo da borracha e da indústria madeireira, mais recentemente determinados pela fronteira do agronegócio, amplia a floresta urbanizada, abrindo novas áreas de povoamento (Castro, 2008; Medeiros, 2013).

Nesse sentido, as questões pertinentes ao desenvolvimento social são pautadas pela *doxa* dominante na questão da educação. Vejamos que as escolas do ensino fundamental estão presentes nas comunidades pesquisadas, e esse nível de ensino está praticamente universalizado no território da Resex Tapajós-Arapiuns. O principal desafio continua sendo a melhoria da qualidade do ensino. As escolas da Resex Tapajós-Arapiuns são consideradas escolas do campo, sendo que algumas estão também classificadas como escolas indígenas (como no caso de Solimões). Apesar disso, o currículo e as formas de ensinar ainda se mantêm, na maioria dos casos, orientadas pela visão urbano-cêntrica do ensino, na qual o aluno é levado a aprender a partir de referenciais distantes de sua realidade socioambiental e cultural.

O direito à educação contextualizada e de qualidade está previsto nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, da seguinte forma:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (MEC, 2012).

O maior desafio para os jovens, no entanto, está na carência do ensino médio, sendo que esse nível de ensino, em formato regular, está presente em apenas duas comunidades da Resex Tapajós-Arapiuns. Nas demais, quando existe, funciona com o Sistema Modular de Ensino (Programa SOME), do Governo do Estado, caso das comunidades pesquisadas. Os professores são enviados às comunidades para ministrarem disciplinas em módulos, com intensa jornada de estudo. No entanto, são muitas as deficiências desse sistema, sendo comum os jovens reclamarem da dificuldade de aprender, da instabilidade no calendário letivo (não há regularidade entre um módulo e outro e os alunos ficam esperando o próximo professor que virá para a comunidade), sendo grande a evasão. Uma das participantes da pesquisa revelou que o Modular “é muito doido”. Por este motivo, a maioria dos jovens prefere migrar para a cidade para continuar os estudos. Usando o trocadilho de Machado Pais (1990), tanto o ensino fundamental como o médio carecem de paradoxos de oposição a *doxa* dominante, portanto, tornar-se, de fato, importante romper os padrões urbanos na promoção de escolas pautadas no e para o mundo rural.

Quanto ao ensino superior no interior do município, observamos que está crescente o ingresso de jovens das comunidades na universidade, principalmente com a criação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Este passou a ser um desejo possível para muitos jovens ao demandarem oportunidades para o crescente mercado das instituições superiores de ensino (IES) no meio rural local. Entretanto, um desafio anterior vem antes desse, que é o acesso ao ensino médio de melhor qualidade.

E nesse sentido, é relevante perguntar-nos se, de fato, essa educação do campo está sendo efetivada nas escolas nas localidades, lugares que entendemos estarem minados pela interação dos mundos tradicionais e globais no acesso ao consumo e as novas possibilidades desse encontro. Antes, porém, de respondermos, Ribeiro (2004) nos ajuda ao esclarecer que essa

(...) escola não incluía entre suas preocupações nem o debate sobre as mudanças que ocorrem na realidade do trabalho que tomou a forma histórica de emprego assalariado, nem algumas peculiaridades que marcam o trabalho agrícola e o mundo rural, diferenciando-os do trabalho e do mundo urbanos. A formação humana no capitalismo é, portanto, cindida em trabalho e escola, como se ambos os mundos não se tocassem, sendo o trabalho o sujo e feio mundo da vida – e hoje do desemprego em massa – do qual a criança precisa ser apartada, e a escola o fantástico mundo do indivíduo infantil abstrato, com suas fases de desenvolvimento e seus brinquedos, que não podem ser conspurcados pelo mundo do trabalho, onde está presente o conflito (:181).

É notório que o mundo rural está acometido de bruscas e profundas transformações. Entretanto, o grande fosso aberto entre esses jeitos de vida, contrariou o processo e localizou mais do que globalizou: antes polarizado, agora é visto “na sua relação com as cidades” (Abramovay, 2003, :29). Antes o lugar das “práticas diárias da produção agrícola e pecuária, da reprodução da sociabilidade em conformidade com hábitos, estilos de vida e conhecimentos que orientam os usos da natureza, da terra, da água, da fauna, da floresta e a reprodução da família”, bem como dos rituais que conformam as tradições (Cavalcanti, 2013, :68).

O rural, hoje, é o lugar da diversidade cultural, da pluriatividade de ocupações pela “inserção plural dos membros das famílias rurais no mercado de trabalho e sobre a diversificação dos usos dos espaços rurais” (Carneiro, 2012, :39). Na mistura de mundos e na busca da compreensão da realidade social onde vivem esses jovens, continuamos com Carneiro (2012, :35) ao ponderar que

Com essa ressignificação da natureza e da cultura, (o rural) passa a ser visto como lugar de um outro tipo de trabalho, não mais restrito à produção de alimentos e de matérias-primas para as indústrias, mas, como bens simbólicos que alimentam a indústria cultural e a comunicação entre universos culturais distintos, de origem urbana ou de origem rural.

Igualmente, o mundo rural é um *espaço físico diferenciado*. Resulta da ocupação histórica, territorial e das formas hegemônicas de dominação na relação campo-cidade. Para Wanderley (2013), o mundo rural é “lugar de vida, isto é, lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção na sociedade nacional)” (:86). Pensando no espaço da construção social dessa ruralidade, o interior do município de Santarém é onde redes de sociabilidade e identidades são cunhadas em cada território de localidade, em cada grupo, em cada indivíduo. Não é um mundo isolados, Medeiros (2014) assim o interpretou:

A realidade percebida figura a confluência dos mundos local e global, de onde despontam territórios históricos de resistência cultural, em diálogo constante e irreversível com os processos de transformações emergentes, personificados pelos Programas de Transferência de Renda Governamentais e o acesso às aposentarias; bem como aos projetos de assistência (governamentais e não governamentais) em torno das oportunidades da vida qualitativa. Espaços interagidos com a entrada ilimitada da televisão aberta; da persistência do uso do rádio como mediador das relações sociais; onde a mobilidade social passa a ser agenciada pela telefonia móvel e, alguns locais, com acesso a rede *web* (Medeiros & Avisar, 2014, :3).



Quanto à juventude, entendemos aqui como uma construção social, de particularidades na transitoriedade e heterogeneidade. Machado Pais (1990, :140) desenvolve para as culturas juvenis como “geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar”. Observa o autor que “esses elementos tanto podem ser *próprios* ou *inerentes*”, podendo também “ser *derivados* ou *assimilados*” e que o conceito pode subtrair “universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum”.

Em uma visão de viés histórico, Durston (2015, acesso online) evoca que o jovem “es una persona que ya empieza a desarrollar las capacidades fundamentales de desempeñarse como adulto (la capacidad de reproducción biológica y las capacidades física y cognitiva para el trabajo productivo y para la toma de decisiones), pero que no tiene aún la autonomía de ejercicio de estas capacidades”.

Nas argumentações em Carneiro (acesso 2015), a autora complementa que Durston entende a fase juvenil caracterizada como “uma gradual transição até a assunção plena dos papéis adultos em todas as sociedades, tanto rurais como urbanas”. Carneiro, na mesma obra, explica que para aquele autor “a juventude dura desde o término da puberdade até a constituição do casal e de um lar autônomo” (:1). Abramo (1994, :6) adiciona que Phillipe Ariés, em sua obra *História social da criança e da família*, desenvolveu que “de um lado havia a população escolarizada [burguesia e aristocracia], e de outro, aqueles que entravam diretamente na vida adulta muito cedo”. Do jovem urbano considerado *anormal* por se reunir em grupos e tribos contrastando aos do “padrão vigente” (:8), ao jovem que emerge vivendo no espaço da invisibilidade entre cidade e interior tem uma experimentação diária problemática para pais e pais e profissionais da educação. Silva (2002, :2) ressalta que se for considerada como uma etapa da vida, é “marcada pela instabilidade e incertezas que são relacionadas a *problemas sociais*”.

Extraímos essa ideia para nos assegurar a quem lançamos as nossas questões. Os jovens participantes da pesquisa mostraram que têm laços sociais estreitos com centros urbanos, tanto Santarém como Manaus, para os quais abrem-se as possibilidades de deslocamento. Acompanhando a noção de jovem urbano<sup>5</sup> extraído de Carneiro (acesso 2015), podemos

---

<sup>5</sup> Carneiro assevera que esse jovem esta no meio da “intensificação da comunicação entre a cidade e o campo, facilitando o acesso a bens e valores urbanos, somada ao desemprego e ao aumento da violência nos grandes centros urbanos, acabaram por produzir uma situação em que a vida na cidade deixa de ser tão atraente como há 30 ou 20 anos. As dificuldades enfrentadas nos centros urbanos por um jovem de origem rural, com qualificação

dizer que esses jovens não estão mais nem *lá* nem *cá*, e nesse estar não estando nem *lá* nem *cá*, se misturam, analogicamente, tal como as águas dos rios que dividem esses dois espaços de sociabilidade pela ação natural do mundo.

Afetados pelas mudanças bruscas oferecidas pelas tangentes do mundo global, Carneiro (2015) reitera que esse mesmo jovem engrossa a estatística “dos inativos, ou desempregados”. A pesquisa constatou que ainda o jovem de origem rural está vinculado estritamente na unidade familiar: é o aprendiz, o ajudante do pai e da mãe. Quem não vai para a roça, realiza, sem discriminação sexista, as tarefas da casa. Essa divisão de quem vai para quem não vai para a roça é muito comum, na atualidade. É na família que se enquadram as práticas historicamente passadas de pais para filhos.

Como vimos acima, os jovens que estudam recebem um modelo escolar que não favorece a formação educacional e não se adequa às realidades locais. Têm casos que são influenciados por parentes que já moram fora, para se juntarem a eles e onde terão mais oportunidades. Entretanto, há jovens que preferem continuar na comunidade e terminar o ensino médio e, então, seguir para tentar a faculdade e trabalhar nos centros urbanos já mencionados. A oportunidade de decisão, porém, os conformam em *sujeitos sociais ativos na transformação social*.

Fica implícita a submissão da roça ou ficar as custas de familiares pela ausência de abertura mercadológica e de lazer, além de que se ganha muito pouco no rural. Além das ocupações tradicionais tais como diaristas no corte da capoeira ou como vaqueiros na várzea, que lhes é próxima, o setor que mais emprega atualmente é a educação do ensino fundamental. As três localidades de escolas padronizadas e profissionais em campos especializados<sup>6</sup>. O processo de sucessão na agricultura familiar é um elemento que pode ajudar na compreensão da manutenção da relação afetiva familiar entre aqueles que saem de casa e os que ficam em casa. Veremos na seção seguinte, que essa negociação é, muitas vezes, mais velada do que as relações entre pais no bojo da vida, momento que requer maiores estudos.

---

profissional e nível educacional normalmente mais baixos que os da cidade, a inexistência de uma rede de parentela de apoio, a obrigação de pagar caro pela moradia, pelo transporte e pela alimentação, têm levado os jovens a “descobrirem” que podem ter um padrão de vida bem satisfatório no campo onde contam com um conjunto de facilidades inexistentes na cidade, sobretudo a da moradia. Estabelecer residência na localidade de origem passa a ser valorizado não só por motivos econômicos mas também em decorrência da idealização da vida rural pelos moradores da cidade. Abrir novas alternativas de trabalho no campo é um projeto que surge em função da perspectiva de estreitamento dos laços com a cidade, favorecido pelas facilidades dos meios de comunicação. É nesse contexto que os ideais da juventude rural apontam para uma síntese, que definimos como **projeto de vida urbano**” (acesso 2015, :14).

<sup>6</sup> Sobre o ensino fundamental, consultar <http://www.santarem.pa.gov.br/conteudo/?item=100&fa=75>



Medeiros (2013) constatou que tem jovens que saem mas acabam voltando, muitas vezes porque não se acomodam no mercado de trabalho altamente competitivo, ou porque não se adequam às mudanças do modo de viver *lá*; sentem falta do conforto das relações afetivas e monetárias familiares como da rede de sociabilidade dos vizinhos e parentes. A vida na cidade é altamente disputada e suas competências não igualam aos jovens urbanos mais bem preparados pelo acesso às escolas, aos instrumentos culturais e tecnológicos, às questões de gênero qualificadoras (Carneiro, acesso 2015).

A investigação foi concebida na abordagem antropológica ao investir nas ações da etnologia, tendo como parâmetro de atenção a etnografia: olhar, ouvir e escrever (Cardoso de Oliveira, 2006). Portanto, creditando valor nos métodos participativos (roteiros de pesquisa, observação participante e uso de instrumentos midiáticos), destacando a memória coletiva, a ação prática foi percebida como fonte histórica e de conhecimentos entre sujeitos e pesquisadores.

As intervenções se pautaram na democratização do saber, na relação dialógica, daí acompanhar alguns dos pressupostos da educação libertadora (Schmitz & Mota, 2010). Nessa vertente, os saberes do mundo são levantados pela partilha (Brandão & Correa, 2007). A lente analítica levantou questões a partir da ideia de indivíduo. As pessoas que participam e se veem no coletivo erigem-se como uma unidade essencial na construção do ser político em sua singularidade e diversidade cultural e que se institui como uma chave valorativa para a sociedade moderna (Lahire, 2005; Elias, 1994). Não olhamos somente as formações socioeconômicas e ambientais, igualmente as interfaces dos indivíduos que as compõem na rede relacional. Dedicamo-nos a prestar atenção aos laços afetivos e sentimentais que amalgamam as relações entre os grupos familiares, de compadrio e pelo grupo geracional de cada localidade com sua localidade e com os centros urbanos.

No descolamento social, é o indivíduo que significa, que interpreta, que vê e sente a sociedade, desvelando aos nossos olhos o que são padrões da coletividade e o que são as variações que possibilitaram a constituição da cartografia dos desejos de inspiração em Guattari & Rolnik (1993). Na captura dos significados dos desejos, utilizamos os desenhos que foram analisados a partir da produção de sentidos alinhada em Peirce (2005).

Além da revisão bibliográfica que antecedeu à pesquisa, iniciamos com um grupo focal de técnicos (sete) e jovens (cinco) que trabalham e/ou colaboram no PSA e/ou estudam em Santarém. Após conversas de alinhamento teórico e metodológico com a coordenação de Educação e Comunicação do PSA, definimos as localidades de Suruacá, Solimões e Anã para chegarmos aos jovens. Na sequência, atribuímos que o foco do trabalho seria direcionado para

os jovens que estavam cursando o ensino médio, outro grupo dos que já haviam terminado os estudos e que continuaram a morar nas localidades, e jovens que estavam morando em Santarém e que estudam o ensino superior e/ou trabalham, variando entre 15 e 29 anos. Já em campo constatamos a heterogeneidade etária que constitui os indivíduos desses grupos de pesquisa, portanto, esse intervalo tendeu para abaixo de 15 como para acima de 29.

Em Suruacá, realizamos um *grupo focal* com 12 estudantes do ensino médio, e outro grupo com 04 participantes que já haviam terminado o ensino médio, mas que continuam morando na localidade. Também entrevistamos a diretora e o vice-diretor da escola, uma jovem remanescente do grupo de cinco jovens treinados para multiplicadores do Telecentro<sup>7</sup>, os outros quatro participantes capacitados não moram mais em Suruacá. Aconteceram conversas espontâneas e encontros com duas intérpretes locais que narraram suas histórias de vida e aprofundaram uma análise crítica da vida dos jovens do ensino médio em Suruacá.

Em Solimões, localidade autorreconhecida indígena, realizamos uma mini oficina de pesquisa, pois contamos com 15 participantes, entre estudantes e lideranças jovens que já haviam concluído o ensino médio e alguns que haviam terminado o curso, mais a presença de uma mãe. Na primeira manhã, trabalhamos o roteiro de pesquisa no formato do grupo focal. Para a atividade de representação gráfica visual, dividimos a turma em dois grupos. No outro dia, nos reunimos para a análise das cartografias do desejo expressas nos desenhos e amarrar o trabalho com uma breve avaliação. Na estadia, além de uma entrevista com a diretora da escola, houveram as conversas espontâneas a partir do roteiro da pesquisa. Participamos de um evento sobre a festa junina, onde encenam o Boi Estrela de Solimões. Na ocasião, também conversamos com professores e os jovens que promovem integralmente da festividade.

Em Anã, num dia de chuva fina e persistente, realizamos o grupo focal com 08 estudantes do ensino médio. Tal como nas duas comunidades anteriores, entrevistamos a diretora da escola, fizemos conversas espontâneas com duas mães e uma liderança feminina. Consideramos que o tempo para a pesquisa em Anã foi exíguo. Em Suruacá e Solimões tivemos um dia e meio para o trabalho, sendo que o ideal seriam três dias. Em Anã, ficamos um dia para a pesquisa. Nas três localidades, o conhecimento construído por cada grupo simbolizou a memória do coletivo extraída das impressões individuais

---

<sup>7</sup> O Telecentro Digital de Suruacá foi concebido e construído por moradores de Suruacá e por técnicos do PSA, em 2003.

Para fechar a empiria, realizamos três entrevistas com jovens moradores de Santarém, estudantes e não estudantes, e o grupo focal com 04 participantes, no encontro 14ª Edição da eia Cabocla<sup>8</sup>. Destacamos que esses jovens costumam deslocar-se semanalmente para suas localidades.

Para finalizar esta seção, seguem fotos das cinco etapas da pesquisa que hora analisamos aqui:

**Foto 1 –estudo exploratório na sede do PSA**



"Crise de identidade, não querem dizer que são dali".

"Mas, a comunidade que não tem liderança escolar ou comunitária não tem o que fazer... O jovem tem que sair da comunidade!"

<sup>8</sup> Evento promovido pelo Programa de Educação e Comunicação do Projeto Saúde e Alegria (PSA) "com o intuito de promover o encontro de várias iniciativas que estão sendo realizadas nas comunidades ribeirinhas pelos jovens". Mais em [www.redemocoronga.org.br](http://www.redemocoronga.org.br) e [www.saudeealegria.org.br](http://www.saudeealegria.org.br).



Foto 2 –pesquisa de campo em Suruacá



"Sempre tem o lado positivo e o negativo, o positivo é que a gente sempre tem a informação ali, de estar mais informado, e aprender a ter essas materias, agora ficar sem telefone a gente já fica meio perdido aqui na comunidade".

"Bom, assim que eu terminar meu ensino médio, eu vou sair daqui. E quando eu sair daqui, vou querer fazer faculdade para aprender a falar inglês e espanhol, e também vou me alistar na marinha. Vou fazer aula de música também(...)

"É A VIDA NÉ? TODO MUNDO QUE ACABA O TERCEIRO ANO PROCURA RECURSO FORA, PRINCIPALMENTE EM SANTARÉM, QUANDO EU TERMINAR MEU TERCEIRO ANO QUERO INGRESSAR NA FACULDADE E QUERO SER UM SOLDADO, É MEU SONHO".

*Jovens Ensino médio em Suruacá*

Foto 3 –pesquisa de campo em Solimões



**Nem cá nem lá:  
cartografias do desejo**

**“O que me leva a sair da aldeia, para Santarém, é o emprego que não tem e, também, estudar para ser alguém, e trazer benefícios para a aldeia. Por exemplo, um professor que no caso saiu da aldeia, para conhecimento, para ensinar melhor os parentes da aldeia”.**



**“Eu quero que aqui em Solimões tenha, pelo menos, um posto de saúde (...). Se Deus quiser irá existir um hospital de boa qualidade”.**



Foto 4 –pesquisa de campo em Anã





**Foto 5 –trabalho de pesquisa em Santarém, Encontro da 14ª Teia Cabocla**



## **RIOS PODEM DIVIDIR COMO MISTURAR A VIDA**



Estar no campo, o campo mesmo, o rural e interior dos rios Tapajós e Arapiuns é experimentar relações sociais diferentes e singulares, múltiplas e diversas culturalmente. É andar lado a lado com encontros e deslocamentos em direção ao novo, a outras formas de se relacionar. Então, o que observamos e percebemos o desejo expresso pelos participantes dos grupos e conversas com os jovens em Suruacá, Solimões e Anã?

Colhendo falas e relatos sobre o desejo que permeia o estar *lá* e o estar *cá* confirmamos relações e sentidos de mundos comuns na literatura consultada. Entretanto, cabe destacar a

contínua emersão das subjetividades singularidades, aquelas produzidas no decorrer da experimentação da vida e que se distinguem umas das outras. E que aqui é absorvida como formadora do estilo de vida e suas especificidades de conteúdos sociais (Simmel, 2005; Maffesoli, 2006). Importantes características juvenis que estão contidas nas relações e interações sociais possibilitam mapear o desejo nas falas que singularizam os sentidos atribuídos ao mundo ao redor na cartografia.

Os mapas (inseridos na quarta seção) denotam que a imagem da cidade –movimento e fluxos de gente e coisas– está impregnado no imaginário. A cidade atrai com suas novidades incessantes e desconhecidas. O campo tem movimento de expulsão: é trabalhosa a atividade na roça, gera doenças e envelhecimento precoce. Em outro trabalho, (Galúcio, 2004) pescadores disseram que não desejavam aquele trabalho para seus filhos, apesar de contarem com respeito e dedicação as histórias de suas vidas em águas do Rio Amazonas e seus lagos, Rio Tapajós e infinitos igarapés.

As regras capitalistas se impõem ao escudo tradicional e conformam fronteiras, espaço do travar lutas antagônicas. É aí que as transformações ocorrem, que o mundo tradicional se mistura dando lugar ao novo. Mas, um novo que nasce das entranhas do velho, portanto carrega ainda seus fundamentos. Igualmente, ao interagir elegem alguns elementos culturais que serão ressignificadas no presente da experimentação. O processo civilizatório invade a dimensão das atividades práticas, revira valores e crenças e se refaz em outros significados, em outros sentidos, impondo o singular no plural nos espaços de luta (Lahire, 2005).

Simmel (2005) diz que é na cidade grande que a vida assume o caráter intelectualista da vida anímica, na multiplicidade de relações sociais em contrapartida a cidade pequena, onde a vida é animada pelas relações de sentimento em hábitos ininterruptos. Seguindo o habitante da cidade grande, o autor reflete e ajuda a compreensão sobre o lugar do entendimento, de onde se ramificam relações em e com múltiplos fenômenos singulares. Cidade e dinheiro não se chocam, se coadunam. Em relação a escassez da troca no campo, as grandes cidades dão ao meio de troca monetária uma relevância inelutável. Na convergência dessa economia monetária com o entendimento, o relacionamento é de um “modo mais profundo”. Explica o autor que “o fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades da cidade grande é a *intensificação da vida nervosa*, que resulta da mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores” (:577-8). Em suas palavras, “As grandes cidades sempre foram o lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e concentração da troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no

campo” (:579).

Vivendo tempo de mudanças intensas, os jovens se mostram *rurbanos*, igualmente tímidos e contraditórios, querem fazer engenharia, mas não gostam de matemática, por exemplo. “Muitos jovens, às vezes, são muito indecisos na questão de ter assim já uma ideia, do que mesmo que ele quer, o que ele quer estudar, o que ele quer procurar para ele, eles são muito indecisos, muito confusos”, informou-nos uma jovem liderança que já concluiu o ensino médio em Suruacá. “Há uns 10, 15 anos haviam brincadeiras de roda, hoje a gente dificilmente vê isso, se a escola não buscar”. Os traços de uma cultura urbanizada, reproduzindo os usos e costumes da cidade estão presentes nos hábitos transculturais observados em campo, como homens fazer sobancelhas, pintar unhas e cortar os cabelos como o do jogador de futebol Neymar (Medeiros & Avisar, 2014; Medeiros, 2013). Costumam ouvir e dançar forró nas festas de santo e de times de futebol. Agarrados a seus celulares 3G, nas localidades de Suruacá e Solimões que estão defronte a Alter do Chão<sup>9</sup>, (excetuando Anã que ainda não tem sinal de telefonia celular) uma jovem revelou que esse consumo “abalou um pouco a nossa cultura”, “e o prejuízo é que eles se isolam, se afastam da família, só no virtual. Esse é o prejuízo”. Na transformação talham suas próprias referências. Do ponto de vista de uma técnica do PSA “ficar na casa do pai ou não, se vai para a faculdade, se quer fazer... Se quiser viajar para Manaus? O pai e a mãe pagam isso. O modelo de juventude é a partir de uma raiz muito profunda. Se não pegar no pé tanto faz. Vai muito da criação. Pega na mão mesmo”. Corroborar a intérprete que a acomodação fica bem explícita, não sem antes buscarem espelhos, como no parecer da mesma técnica, “o fulano está sendo como o melhor, que faz bem, quero ser o reflexo dele. Por que ele não olha para si e pergunta o que ele quer ser?”.

As narrativas desvelam que aqueles jovens são filhos de uma geração com baixo ou nenhum grau de escolaridade, em torno dos quais não se ajustou ainda o modo de vida contemporâneo. Daí, serem ausentes na orientação dos filhos após concluírem o ensino fundamental. Para um de nossos entrevistados, jovem que já concluiu os estudos e mora entre o *lá* e o *cá*, esperando uma vaga na universidade, “a responsabilidade dos pais é até o ensino médio. [Depois], tchau”.

Por não quererem que os filhos continuem a trajetória agrícola, estimulam a busca de profissões que não se enquadram na vida local, tampouco possibilitarão o retorno, excetuando

---

<sup>9</sup> Vila balneária de Santarém e que recebe fluxo turístico intensificado na atualidade.



o campo da educação, área que mais emprega naquelas comunidades. A escola, por sua vez, não possui currículo voltado para uma educação rural específica, o que não atende as vocações profissionais do interior dos rios. Seus currículos, não são suficientes na orientação da temática Resex Tapajós-Arapiuns, por exemplo.

Na análise de Marlene Ribeiro (2004, :69), discorrendo sobre *Organizações cooperativas de agricultores e educação escolar*, a autora expõe seu pensamento inserindo “que seja necessário rever o modelo de escola que centra o trabalho pedagógico na formação do indivíduo possessivo e competitivo”. Como constatado na pesquisa, tanto a família como a escola preconizam que os jovens devam buscar seus sonhos na divisão do trabalho que compete às cidades promoverem, o rural daquelas paragens ainda não contempla esse nível de complexidade existente no mundo contemporâneo (Simmel, 2005). Ribeiro (2004) esclarece que a “escola não lhes fornece instrumentos de leitura e interpretação da realidade, de cálculo e introdução ao conhecimento científico que estejam em consonância com o seu mundo, a sua cultura e as necessidades de sua produção” (2004, :182). Assinalamos, ainda, que a “sociedade liberal e o seu modelo de escola reproduzem a separação entre o trabalho manual, produtor de bens, e o trabalho intelectual, produtor de conhecimentos, como se ambos os trabalhos não produzissem simultaneamente bens e conhecimentos, todos transformados em mercadorias” (Ribeiro, 2004, :175).

Lahire (2005) descreve que a escola fica *estranha e*, muitas vezes, esse “‘estranho’ é constrangedor, sobretudo quando ela exige um grau de ascese máximo, como nos períodos de preparação de exames e concursos”. Assim, os jovens que encontramos para a pesquisa, expressam certas singulares em suas experiências.

A geração que está no centro desse debate e que se posta no mundo é a “exteriorização do produto da interiorização dos constrangimentos sociais” (Lahire, 2005, :22). Compreendê-la perpassa por análises dos *processos neocolonizantes* (Ribeiro, 2004) desejos e sentimentos silenciados (“solidão, de incompreensão, de frustração, de mal-estar”), os mesmos que produzem uma “distância entre o que o mundo social nos permite *exprimir* objectivamente num determinado momento do tempo e o que ele colocou em nós ao longo da nossa socialização passada” (Lahire, 2005, :38).

Comentando que “muitos espaços são impedidos na comunidade” para jovens trabalharem, observamos que ainda permeiam as relações entre esses pais e seus filhos de uma autoridade que não acompanhou as transformações. Na opinião de um outro jovem entre o *lá* e o *cá*, esses conflitos os conduzem para os centros urbanos onde ampliam-se as oportunidades. Os jovens

“vêm para cidade porque querem dinheiro”

As narrativas corroboram com a literatura emergente dos estudos da juventude rural ao considerar que a mudança de hábitos e costumes são reflexos de mudanças estruturais do capitalismo em seu estágio de globalização, ou a alta modernidade de Giddens (1997), que ainda estão impregnados nas estruturas tradicionais. São profundas mudanças imputadas pelo mercado de trabalho e sistema de comunicação (Brumer apud Carneiro & Castro, 2007, :36). É nessa dimensão que ocorrem as crises da reprodução, ou de identidade”. A mesma liderança jovem revelou que “antes tinha diferença entre o jovem ribeirinho e cidade; de saber se portar, de ter atitude. Está igual agora, apesar dos desafios, das realidades diferentes”.

Assim, entendemos que as disposições individuais são inibidas e desconexas, em constante configurações e formação de novas possibilidades de redes sociais (Lahire, 2005). Associamos o mundo jovem ao movimento das águas na calha dos rios, no verão; e no inverno, adensam por entre as florestas ciliais, (re)formando os iguapós, ressignificando a vida. Os jovens do ensino médio nas três localidades conformam estilos de vida entre o *lá* e o *cá*: uma hora evidenciam coerências comportamentais, opiniões e práticas, outra hora já espreitam outros vínculos sociais, diferenciando-se dos demais, como já preconizado por Machado Pais (1990).

A essa produção subjetiva ininterrupta (Guattari & Rolnik, 1986) observamos que os estudantes do ensino médio desejam o modo de vida urbano, mas não se ajustam as pressões da vida nos centros urbanos. Muito porque a eles foram obliteradas as possibilidades de inserção. Carneiro (acesso 2015) complementa que

Dentro dessa ambiguidade está em curso a construção de uma nova identidade. Cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, veem sua auto-imagem refletidas no espelho da cultura "urbana", "moderna", que lhes surge como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambiguidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem.

Apesar de menor intensidade nas relações sociais no interior (Simmel, 2005), esses jovens atravessam contextos diferentes a todo momento (Lahire, 2005, :36) nos contatos proporcionados pelas redes sociais virtuais ou físicas. Mesmos sendo os fluxos de interação social menos intensos, são eles que impulsionam as mudanças de ser e estar na vida. Um elemento decisivo é que, na cidade, ao não ingressarem nos cursos superiores, sem

qualificação e competências técnicas sobram trabalhos subalternos e periféricos. No relato de uma das participantes,

antes, os jovens terminavam o médio e ficavam por lá mesmo. Viajavam em busca de trabalho, mas não profissionalizar [quis dizer que não buscavam estudar, não buscavam a qualificação]. Hoje o jovem tem caminhos novos e os jovens já buscam novas experiências e caminhos (...). É um pouco difícil lidar com pessoas da mesma idade. Focar nos menos ativos. Influenciam nas conquistas as atividades. Ativos são lideranças. Menos ativos procuravam entrosar.

Não se trata em nenhum caso de negar a existência do mundo tradicional, ao contrário, andam lado a lado construindo novas formas de sociabilidades. Entendemos que desenhemos uma imagem do mundo social “que não negligencia as singularidades individuais”, mas ao contrário de Lahire (2005) não parece que aqueles jovens evitam a “caricatura cultural dos grupos sociais”. Os jovens entrevistados, apesar de conformarem pequenos guetos geracionais e imprimirem uma cultura de estilo de vida grupal como demonstrado em Simmel (2005) e Maffesoli (2006; 1995), sim, “passam muito frequentemente de uma “comunidade” para outra, e que eles se caracterizam, desse ponto de vista, por uma pluralidade de pertenças sociais e simbólicas, inscrevendo as suas práticas (e nomeadamente as suas práticas culturais) em múltiplos lugares e tempos (Lahire, 2005, :29).

Outra participante e liderança juvenil moradora de Santarém comentou que os jovens querem “se ver livres” do estudo, ao mostrarem-se sem foco para o que querem ser e estar na vida. O retorno à localidade de nascimento se parece com retribuição, se acham na intensão de retribuir. “Tenho que dar um retorno para lá”, comentou outro jovem que mora na mesma cidade. E é essa relação de confiança no grupo familiar e de compadrio que conecta os indivíduos no grupo, que corrobora para o não desmantelamento caricatural do grupo. A ponto de todos os participantes, todos, mapearem desejos coletivos de retorno, de bem-estar e viver. Ao pontuarem em suas cartografias seus desejos –postos de saúde e hospitais, escolas e faculdades, hotéis, supermercados, lojas e lanchonetes, açougues, padarias, e veículos de comunicação (rádio e TV), posto de gasolina (óleo diesel, gás e querosene), igreja, áreas de lazer e esporte– imprimem uma produção de subjetividades que se singularizam em forma de grupo. Desejos que implicam, não a transferência radical para as cidades, mas seus lugares transformados em cidades. Estruturas da cidade onde os indivíduos ainda vivenciam formas e modos de vida tradicionais a partir do grupo familiar e de compadrio. As falas expõem um sentimento de pertença e cuidado para com as pessoas do interior, pois expressam que desejam que as pessoas de suas comunidades possam ser bem atendidas quanto à saúde e aos bens de



consumo. É interessante notar que na cartografia somente um mapa está desenhado e escrito um prédio para o banco. O sistema financeiro não desperta relevância entre os jovens.

Evidenciamos que a migração se dá muito pela rejeição à atividade agrícola (Brumer apud Carneiro 2007) como já mencionamos acima. Na nossa impressão, o fato está embutido nas narrativas e, pela posição desvelada de uma participante, é que “eles não falavam em fazer faculdade nem perspectivas de terminar o médio. Agora, já tem e já inscreveram na UFOPA. Aumentou a perspectiva dos jovens. Não tem mais que ficar lá, plantando lá”.

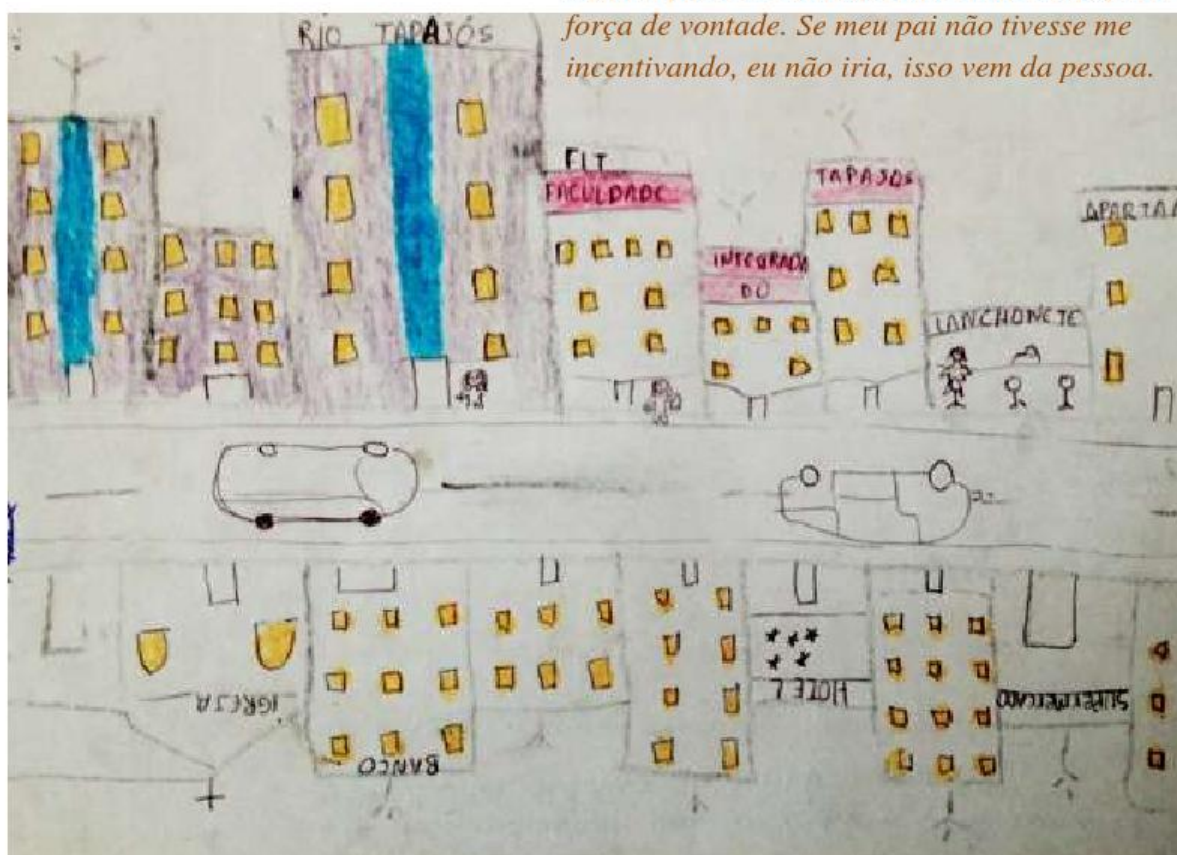
Antes de pensarem sobre trabalho, os jovens internalizaram, como uma necessidade vital que devem estudar. Estudar para serem engenheiras, médicos e enfermeiras, marinheiros, principalmente, professores. A clareza de que somente os estudos irão libertá-los da dependência paterna e, conseqüentemente da condição inexorável de permanência em seus lugares de nascimento, nos pareceu-nos alijada das novas posturas frente ao porvir. Quando desejam ir para as cidades de Santarém e Manaus, o trabalho vem em segundo plano. Essa observação está respaldada nas falas unificadas de que pretendem ficar sob a custódia de irmãos e irmãs, tios e tias, pai ou mãe que por lá já estão deslocados do grupo familiar. Para ajudar a custear os estudos, pensam em conseguir trabalhos periféricos, conforme já constatado acima. O diferencial está na formação escolar, e isso eles têm uma visão transparente.

Os jovens querem colocar em prática os estudos; querem ser marinheiros e engenheiros porque colocam em seus sonhos e projetando-os, ganham vida! Mas, quais as competências culturais que possuem e que se farão e serão bem sucedidos? Essa singularidade nos coloca uma questão: é isso que querem realmente? Ou é força do hábito: todos querem isso e vou querer também! O que realmente os encantam é a magia e a magnitude da cidade?

## **CARTOGRAFIAS DO DESEJO**

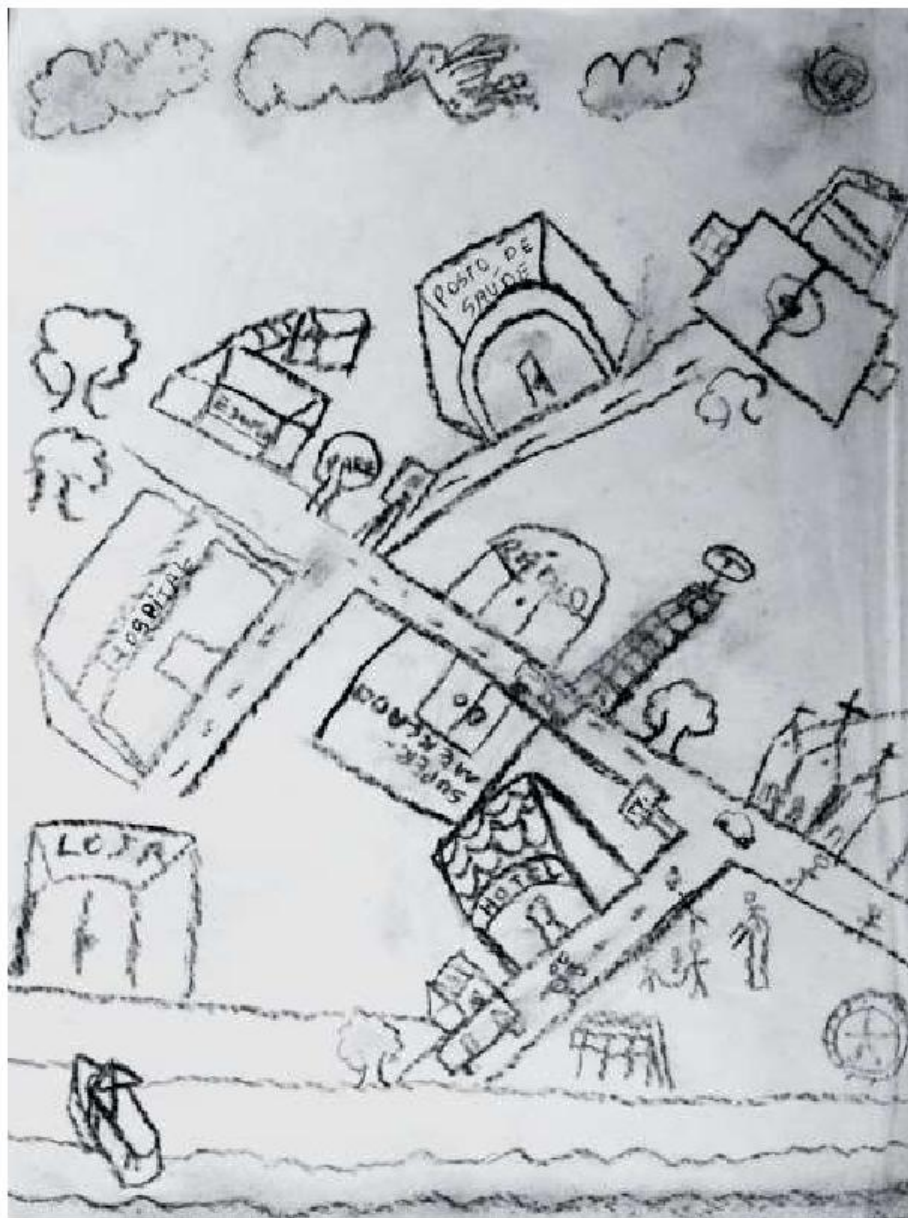
Inseriremos abaixo, alguns relatos de campo que são representativos para a compreensão das cartografias dos desejos dos jovens na invisibilidade entre o rural e o urbano; entre o *cá* e o *lá*. Seguem-se mapas conceituais desses sentimentos que foram escolhidos como representativos no trabalho.

*Meus irmãos faziam um trajeto longo até chegar na faculdade. Tem gente que acha difícil, mas hoje estão todos empregados. Alguns pais não têm influência com os filhos. Tem mãe que diz: “eu não estudei e vivo bem até hoje e os filhos seguem por esse caminho. Eles não têm aquela força de vontade. Se meu pai não tivesse me incentivando, eu não iria, isso vem da pessoa.*



*(...) Bom, quando eu terminar meu terceiro ano, como não tem alternativa, principalmente para nós jovens, está parecendo assim que terminar o terceiro ano fica meio confuso, principalmente para quem nunca saiu de perto de seus pais. É uma coisa assim difícil, e nós somos obrigados realmente a sair daqui, se nós quisermos assim ter realmente uma coisa para nós de melhor. E quando eu terminar meu terceiro ano, com certeza eu sairei daqui. E a primeira coisa que eu quero é conseguir um trabalho e com o tempo conseguir ingressar na faculdade. E meu sonho também é servir ao exército! É meu sonho e pretendo realizá-lo, com certeza, com ajuda financeira conseguirei realizar meu sonho, é isso (...).*





(...)Solimões ainda tem que mudar bastante. Precisa de muitas coisas, e é por isso que as novas gerações, ou seja, os jovens e adolescente estão bem empolgados para ajudar. Aqui, nesta aldeia há jovens que querem ser empreendedores, engenheiros, advogados, atrizes e outros. Mas, isso tudo que esses jovens querem ser no futuro é pra ajudar a aldeia, ou seja, trazer mais recursos para a aldeia. No futuro quero que o lugar onde eu nasci tenha, por exemplo: teatro, shopping, telecentro, hospital. Isso facilita para a aprendizagem dos moradores (...).

Então, eles criam uma expectativa tão grande da cidade, por que lá é tudo que aqui não é. A alegria deles é pensar que eles vão estar numa cidade e não numa comunidade, claro que eles não fazem nem ideia do que é (...).

(...) O meu sonho é me formar em pedagogia, numa faculdade, e voltar para minha aldeia de Solimões, para trabalhar com as minhas crianças. É isso que vai fazer eu sair daqui (...).

Eu, quando eu terminar meu terceiro ano, também, como todos os meus colegas, não temos outra escolha, não é? A não ser, de estudo, sair daqui de Suruacá, procurar uma outra cidade e a primeira opção é Santarém. E eu pretendo fazer faculdade de direito (...).



*Porque, aqui na comunidade, a gente tem liberdade, aqui a gente se diverte, conversa com os amigos, e para sair fora, aqui, só tem mesmo a nossa família, lá os irmãos. E eu não sei também com o tempo a gente vai ficar lá e se adaptar ao ambiente que é diferente daqui, parece que aqui a gente tem mais liberdade, quando a gente for para lá não, vamos ficar mais presos (rsrsrs).*



*(...) Não procurem um filho, se não, vocês vão para roça. Eu não ia para roça, ela [irmã] não gostava de fazer os afazeres de casa. Aí, a gente trocava, eu ficava em casa e ela ia para roça.*

*Quando começaram esses programas do bolsa família, bolsa verde, é tanta bolsa, que eles não fazem mais nada, ficam em benefício disso.*

*Acompanhar a juventude da cidade, antes tinha diferença entre ribeirinha e cidade: de saber se portar, de ter atitude. Está igual, apesar dos desafios, realidade diferentes.*



*Se gente for se basear só ficar, sempre só aqui, a tendência para a gente é só ir para roça, plantar, pescar, caçar, isso é a vida. Mas, não significa que só porque a gente é daqui do interior, que a gente vai ter que fazer isso. A gente pode muito bem morar na comunidade, mais ter uma fonte de renda da gente, que não necessariamente seja da roça.*







Como o colega falou, a realidade da comunidade para cidade é totalmente diferente. Lá você vive numa tranquilidade, não é? Com o tempo, eu fui me acostumando. Me sentia presa, lá não! De qualquer forma eu era livre, para jogar bola, ir à praia. Eu acostumei... E sempre que dá eu vou lá na comunidade. Na escola tem preconceito: “Ah porque ela é do sítio”. Eu falo: “lá eu tenho um sítio muito lindo para levar você”. A gente não pode ter vergonha, sabe? E foi assim, muito difícil nessa parte. Eu tenho vontade de me formar e fazer jornalismo. Desde criança, eu fazia parte do mini curso de telejornalismo, aí eu fazia matérias e mandava para Rádio Rural.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa orientou-nos que os jovens saem para estudar e viver fora –Santarém ou mesmo Manaus– porque em suas localidades as instalações infra estruturais não atendem mais as necessidades fundamentais daqueles indivíduos e grupos. O que mais os impelem a atravessar os rios em busca de “uma vida melhor” é a carência de energia elétrica 24h e da continuidade dos estudos após concluírem o ensino médio. Plugados como estão em seus instrumentos móveis de comunicação (os celulares), energia por quatro horas (das 19h as 22h), onde têm acesso à televisão, não é suficiente.

Observamos que há um paradoxo na questão escola. Apesar de ser o setor público que mais emprega nas localidades que possuem aquelas instalações, não dá mais conta da dimensão daquele rural. Para frequentar escolas de nível superior, estudantes percorrem extensões desumanas na busca por qualificação. E por outro lado, as políticas públicas são insuficientes na promoção da educação satisfatória nos níveis fundamentais e médio, que dirá ao nível superior. Constatamos que a despeito da ineficácia pública, um mercado ascendente das escolas privadas se faz presente nas comunidades.

Os jovens que permanecem em suas localidades são aqueles que se engajam em atividades comunitárias, que se casaram e mesmo que não sustentaram a competição e qualificação adequada para ficarem nos centros urbanos. Esses engajam-se em atividades escolares, as quais complementam a renda com as práticas do roçado, da pesca e, eventualmente, da caça. Se suas localidades tivessem faculdades, hospitais, açougues, combustível e transporte, como aeroporto, não deixariam as redes de sociabilidade parentais ou de compadrio para viverem em bairros limítrofes e em ocupações como doméstica e/ou garçons e pedreiros até conseguirem terminar o ensino superior. Assim mesmo, quando finalizam. Quando não, os que retornam o fazem por falta de opção ou porque não sustentam outras redes sociais que não a de suas localidades de nascimento, onde não precisam estar inseridos em ocupações rentáveis.

Analisando a perspectiva jovem ao migrarem para os centros urbanos em busca de trabalho (ganhar dinheiro, porque é isso que o jovem deseja) e de oportunidade de estudo, o que vislumbrar para a Resex Tapajós-Arapiuns nesse cenário de curto prazo? Sim, porque a análise das narrativas deixou transparente que os jovens desejam voltar, mesmo porque para muitos deles a terra, como herança familiar, já está dividida entre os filhos. Para aqueles casos que ainda não foi dividida, como se posiciona o jovem em relação ao trabalho familiar?

É revelador que na abordagem da questão da propriedade fundiária bem como nas questões relacionais não tenha surgido o tema da sustentabilidade ou a relação com o meio ambiente, assunto altamente difundido pelas organizações mediadoras. O discurso rondou em torno de dois assuntos a destacar, estudo e trabalho. Nessas vertentes, o jovem está muito curioso em ver os mundos, posição aberta pelo acesso do mundo global (e seus mídias fluindo por entre as relações sociais). Ele(a) “quer alguma coisa na vida e busca isso”.

Percebemos que, apesar de quererem viver nos centros urbanos, não rompem, por definitivo, os vínculos de convivência social pautados pelas relações de parentesco e compadrio, características tradicionais locais. Uma jovem de Suruacá corrobora ao nos dizer que “é raro alguém ir daqui e dizer que não quer voltar”. Outra intérprete relatou que “eles têm a vontade de estudar mais e ir em frente. Então, por isso, eles saem. Mas que na maioria deles, eles acabam voltando, com o tempo eles acabam voltando. Hoje, a nossa preocupação com eles, é que eles saiam, mas que realmente eles estudem e possam voltar para comunidade, mais para ajudar a comunidade de uma outra maneira”. No vai e vem de suas comunidades, constroem interações elaborando novos esquemas interpretativos sobre o mundo, agregando novas experiências e formas de verem o mundo. À essas novas práticas tecem a composição da própria vida e transformam a convivência nos grupos de pertencimento ao trazerem no estoque cultural a diversidade de estilos de vida na ampliação das redes de inter-relações. Na onda das grandes transformações, acabam por dominarem códigos dos dois mundos infringidos pela acomodação cultural que se faz possível mediante o intercâmbio das múltiplas visões da vida, mesmo que ainda mantenham uma lógica de discurso “truncado”, com falhas na organização das ideias internas.

A pesquisa nos habilitou a postular que Santarém, como centro urbano mais procurado pela proximidade com as localidades<sup>10</sup>, vivencia o espaço da invisibilidade: possui um estilo de vida rural e de vida citadina, relações tradicionais e conservadoras entremeadas pelas estruturas essenciais que demarcam a urbanização. Das relações de parentesco para as *relações de vizinhança* nas cidades, o fato é que novas expressões são cunhadas, outras são mantidas. O jovem está em meio as grandes transformações, nem mais *lá* nem tão *cá*.

As ações coletivas incidem em uma trama que origina outras tramas de *pertencimentos ou socializações simultâneos*, rural e urbano operam simultaneamente na vida daqueles jovens. Interação, no agora, em relações cambiantes e mostram-se nessas associações e relações que

---

<sup>10</sup> O outro centro urbano de busca das novas possibilidades de vida é Manaus. Belém, que é a capital do Estado, não houve referência de jovens que migraram para lá.

misturam os mundos. As aspirações e desejos são construções sociais, mostram certas regularidades mas apontam as singularidades determinantes do jovem nas três localidades estudadas aqui.

As cartografias dos desejos mostram que são sustentados desejos coletivos como a vontade de ver os lugares de origem cobertos com a assistência governamental em saúde, transporte e educação. Igualmente, o acesso igualitário às novas e diversas possibilidades de consumo. Sustentamos a questão: será que a família e a escola estão preparadas para ser o lugar dessas transformações?

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. *O futuro das regiões rurais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; CORREA, Maristela. A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Revista Educação Popular*, Uberlândia, v. 6, Jan./Dez. 2007, :51-62.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*. 2a ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. *Juventude em perspectiva*. Mauad X: Rio de Janeiro, 2007.
- CARNEIRO, Maria José (Coord.). *Ruralidades contemporâneas: modos de viver e de pensar o rural na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais*. Disponível em [ra](#). Acesso em 16 Jan. 2015.
- CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. Comunidades Rurais e os desafios da sociedade contemporânea. In: SILVA, Vanda Aparecida; CARMO, Renato Miguel do (Org.). *Mundo Rural: mito ou realidade?*. São Paulo: Annablume, 2013.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)/ CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/ CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo*. Resolução CNE/ CEB de 03 de abril, 2012.
- DA MATA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. O. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, método e improviso na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DURSTON, John. *Juventud rural en brasil y méxico. Reduciendo la invisibilidad*. Disponível em <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/6/4646/capI.html>. Acesso em 16 Jan. 2015.
- GALUCIO, Maria Dorenilce R. *Amazônia, pescadores contam historias* Manaus: Ibama/Provarzea (Coleção Retrato Regional), 2004.
- GUATTARI Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1986.
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich. *Modernização Reflexiva: a política, tradição e estética na ordem social moderna*. Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash; tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LAHIRE, Bernard. *Patrimônios individuais de disposições*. Para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 49, 2005, :11-42.



MACHADO PAIS, José. A construção sociológica da juventude- alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), :139-165.

MAFFESOLI, Michel. *No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4ª ed. 2006.

\_\_\_\_\_. *A contemplação do mundo*. Artes e Ofícios Ed.: Porto Alegre, 1995.

MEDEIROS, Thais Helena & AVISAR, Ligia Augusta. *A prática do pagar visita em localidades da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns, Santarém Pará*. Revista Perspectiva Amazônica (no prelo), ano 5, n. 9, FIT, 2015.

MEDEIROS, Thais Helena. *Redes de sociabilidade e comércio na floresta: artesanias em palha de tucumã entrançam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA*. Dissertação Mestrado em Sociologia. Manaus: UFAM, 2013.

\_\_\_\_\_. *Geração 80*. Monografia manuscrita. FACHA: Rio de Janeiro, 1994.

MENEZES Marilda Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton (Orgs.). *Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil*. Brasília : Presidência da República, 2014. Disponível em [http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0009/2708/Miolo\\_Juventude\\_rural\\_web.pdf](http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0009/2708/Miolo_Juventude_rural_web.pdf). Acesso em 27 Jan. 2015.

PENA, Fábio (Org.). *Territórios de Aprendizagem: guia de apoio pedagógico*. Santarém: CEAPS- Projeto Saúde e Alegria, 2015.

PSA (Projeto Saúde e Alegria). *Projeto Conexão Amazonia: Jovens Empreendedores do Tapajós*. Relatório de Ações Consolidadas, Telefônica/ Vivo: Santarém, 2015.

\_\_\_\_\_. *08 Oficinas de Arranjos Educativos Locais*. Anexo OBJ2\_AçãoC. Arquivo digital do PSA, Santarém, 2014a.

\_\_\_\_\_. *Comunidades da Amazônia pelos Direitos das Crianças e Jovens da Floresta*. Caderno de Ideias e propostas. Seminário de Juventude da RESEX Tapajós/Arapiuns: Comunidade de Anã: Santarém, 22 Ago. 2014b.

\_\_\_\_\_. *1 Encontro Jovem de Educação Popular : pelos direitos das crianças e jovens, agora e para o futuro*. Relatório de Atividades, Anexo OBJ2\_AçãoB, de 6 a 8 Mar. 2014c.

RIBEIRO, Marlene. Organizações cooperativas de agricultores e educação escolar: desafios a uma formação cooperativa. *Perspectiva*. Vol.22 nº1. Florianópolis: UFSC/NUP/CEC, 2004, :167-196.

SCHMITZ, Heribert & MOTA, Dalva Maria da. Métodos participativos para a intervenção entre agricultores familiares, extensionistas e pesquisadores. In: SCHMITZ, Heribert (org.). *Agricultura familiar: extensão rural e pesquisa participativa*. São Paulo: Annablume, 2010.

SILVA, Vanda. *Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência*. Cad. CEDES, vol.22, no. 57, Campinas Aug. 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200007&script=sci_arttext) . Acesso em 16 Jan. 2015.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Mana, v. 11, n. 2, out. 2005, pp. 577- 591

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *O mundo rural de Pernambuco, através do olhar de seus jovens*. SILVA, Vanda Aparecida; CARMO, Renato Miguel do (Org.). *Mundo Rural: mito ou realidade?*. São Paulo: Annablume, 2013.